



## SETE ESTRANHOS NO EL ROYALE

De Drew Goddard

Com Jeff Bridges, Cynthia Erivo, Dakota Johnson (EUA)  
Thriller M/16

**ESTREIA** A segunda longa de Drew Goddard insere-se num subgénero que nos causa urticária: o da tarantinada (que, como é bom de ver, designa o universo dos subprodutos gerados pelos exercícios de mimetização do cinema de Quentin Tarantino). Por ele têm circulado Guy Ritchie, Matthew Vaughn e Edgar Wright — nomes aos quais se junta agora o de Drew Goddard, cujo novo filme constitui uma entediante hibridação entre “Pulp Fiction” e “Os Oito Odiados”. Ao último, “Sete Estranhos no El Royale” vai buscar o condensado espaço-tempo da sua ação, encerrando-se no hotel do título (que se encontra às moscas) para, ao longo de uma única noite, seguir os passos dos sete corpos que nele se não de cruzar. O que os une? O facto de todos eles trazerem na bagagem um segredo inconfessável, que farão os possíveis por esconder dos demais. São justamente esses segredos que o filme tratará de pôr a descoberto, lançando para isso mão de uma narrativa dividida em capítulos que, indo e vindo no tempo, vai justapondo ou sobrepondo os pontos de vista das personagens (é o lado “Pulp Fiction” da coisa). Estamos perante um jogo que, além do carácter intrincado da sua estrutura, não tem muito mais para nos oferecer. Desde logo, porque as personagens constituem um conjunto de marionetas que se deixam reduzir aos seus tiques físicos e psicológicos (pouco nos interessa o que lhes acontece). Mas também porque todos os artificios estilísticos do filme configuram tentativas infantis e falhadas de emular o seu mestre: veja-se como aqueles longos diálogos se mostram tristemente isentos de humor, e como os contrastes estabelecidos entre o som e a imagem descambam por vezes na imitação pífia (a cena em que o mau da fita dança ao som de ‘Hush’, dos Deep Purple). É espantoso, mas é verdade: 20 anos antes de ter sido feito, “Sete Estranhos no El Royale” já era um filme obsoleto. / **VASCO BAPTISTA MARQUES**



## PEDRO E INÊS

De António Ferreira

Com Diogo Amaral, Joana de Verona, Vera Kolodzig (Portugal/França/Brasil)  
Drama M/14

**ESTREIA** Há neste filme de António Ferreira — e, muito provavelmente, no romance de Rosa Lobato de Faria, “A Trança de Inês”, onde se baseia e que não conheço — uma ideia matricial: a de que a história de amor e a tragédia do infante D. Pedro e de Inês de Castro têm qualquer coisa de perene, qualquer coisa de inerente à espécie humana, de tal maneira que pode emergir ao longo do tempo de um modo quase imutável. É o mito romântico dos amores contrariados que a morte violenta visita a deixar mágoa incurável. Pessoalmente não me parece que haja muita produtividade narrativa nessa ideia, mas há que louvar a destreza com que Ferreira intersecta três linhas narrativas (uma no passado da realidade histórica, outra no presente, uma terceira num futuro de regresso a uma simplicidade campestre e tribal, vagamente pagã), garantindo a legibilidade da ação sem que nos detenhamos demasiado a interrogar cada um dos passos (ainda assim, aquele futuro não cola). O que derrota “Pedro e Inês” não é, deste modo, o que de mais arriscado o filme ousa — a narrativa em três tempos. O que o naufraga é a absoluta ausência de química entre os dois protagonistas (Diogo Amaral e Joana de Verona) incapazes de nos dar uma paixão desenfreada que tudo desafia, a celebração da vida até na própria morte que é, afinal de contas, a coisa que ali mais interessa. Melhor, bem melhor, é o ódio que Vera Kolodzig destila nos dois tempos (presente e futuro) em que lhe dão algo para fazer. À falta de amor convulso, de arrebatamento dos sentidos, o filme carrega em pormenores de alguma sanguinolência (o tormento dos assassinos de Inês de Castro, a ‘cesariana’ rudimentar na ficção do futuro) ou em assomos de insanidade de Pedro, incapaz de se perdoar por ter deixado a sua amada ser morta. E aqui, mais uma vez, falta frémito (a coroação de Inês morta precisava de ser alucinante), falta transfiguração do ator, falta... falta... / **JORGE LEITÃO RAMOS**



## NÃO DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO

De Cédric Kahn

Com Anthony Bajon, Damien Chapelle, Alex Brendemühl (França)  
Drama M/12

**ESTREIA** Há muito que Portugal segue Cédric Kahn (desde “L’ennui”, por cá estreado há 20 anos). Esta sua décima longa-metragem aborda um assunto fascinante e sempre complicado de levar aos ecrãs: a fé. Em causa está Thomas, 22 anos, toxicodependente. Entregue a uma vida marginal, ele vai descobrir um refúgio para largar o vício, integrando uma comunidade religiosa, mas não devota (os problemas são ali debatidos sem tabus), isolada num mosteiro montanhoso e que segue regras de disciplina severas. A tensão do filme vem deste embate: conseguirá Thomas superar o seu problema e ressacar a frio, trocando a dependência de drogas pela oração (“La Prière” é o título original)? A câmara de Kahn não se coloca no papel de juiz. O realismo social é servido a seco, sem aprofundar retratos psicológicos, e a personagem de Anthony Bajon (num papel de relevo, premiado em Berlim) tem algo de animal selvagem enjaulado. E, contudo, o filme desilude pois falta-lhe um sopro de transcendência, uma interrogação existencial ou uma transformação mística que evite um desfecho, afinal, um tanto puritano: Kahn, no fundo, deixa passar ao lado o assunto do filme que tem nas mãos. / **FRANCISCO FERREIRA**



## A MULHER

De Björn L. Runge

Com Glenn Close, Jonathan Pryce, Christian Slater (Reino Unido/Suécia/EUA)  
Drama M/14

**ESTREIA** Sim, Glenn Close é magnética, não tiramos os olhos dela até que o filme acabe. Não que faça um papel por aí além, mas é uma daquelas atrizes que sabem tudo e, mesmo num registo algo limitado, não deixa que lhe roubem a cena, nem por um instante. Deve dizer-se, todavia, que nunca por nunca Jonathan Pryce o tenta, e que nenhum dos outros atores sabe como (não, nem Christian Slater...). Acontece que a história de um escritor americano que vai a Estocolmo receber o Prémio Nobel e que leva uma enorme pedra no sapato da sua duradoura relação conjugal só na superfície surpreende. Depressa se ultrapassa a hipótese de uma irresistível tendência para a infidelidade. A pedra é outra. E é tão incrível que as justificações que o filme sopra para a sua manutenção não se sustentam minimamente de pé, até porque o filme prefere piscar o olho a ser coerente (vejam-se as duas cenas, em rima, em que o casal celebra um sucesso, aos pulos em cima da cama, na publicação do primeiro livro e, muitos anos volvidos na cronologia, mas muito antes na narrativa do filme, quando sabem da atribuição do Nobel). Mas Glenn Close, ah... não tiramos dela os olhos! / **J.L.R.**

## ESTRELAS DA SEMANA

	Francisco Ferreira	Jorge Leitão Ramos	Vasco Baptista Marques
9 Dedos	★★★		
A Aparição	★		★★
Assim Nasce Uma Estrela		★★★★	
O Caderno Negro	★	★★	
Feliz como Lázaro	★★★★		★★★★
Happy Hour: Hora Feliz	★★★★		
Ingmar Bergman — A Vida e Obra do Génio	★★	★★★★	★★
Não Deixeis Cair em Tentação	★★		
A Mulher	★	★★	
Pedro e Inês		★★	
O Primeiro Homem na Lua	★★	★★★★	★★
Sete Estranhos no El Royale		★★	★
Thelma	★★★★	★★★★	
Verão 1993			★★★★

DE ● MÍNIMO A ★★★★★ MÁXIMO

EXPRESSO